

O Estudo da Guerra na Formação do Oficial Militar Brasileiro¹

Tânia Regina Pires de Godoy²

Resumo: Esta pesquisa faz uma análise da relevância do estudo da guerra previsto no ensino de História na formação dos oficiais militares de carreira das Forças Armadas brasileiras e os assuntos abordados, em linhas gerais, são comuns nas três Escolas de oficiais militares: na Escola Naval (EN), na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e na Academia da Força Aérea (AFA). Realizarei uma reflexão acerca de como a História é tratada na abordagem da guerra, suas práticas educacionais, os vínculos entre a transmissão da História Militar no reforço da Doutrina e os pareceres dos discentes quanto ao alcance da fundamentação do pensamento militar do futuro líder guerreiro por meio de operações militares consagradas na historiografia civil ou militar.

Palavras-chave: Identidade militar brasileira; ensino de História Militar.

Abstract: This research carries through an analysis of relevance the war study in the education of History in the military officers of the Brazilian Armed Forces and the boarded subjects, in general lines, are common in the three Schools of military officers: in the Naval School (EN), in the Military Academy of Agulhas Negras (AMAN) and in the Academy of the Air Force (AFA). I will make a reflection concerning as History are treated in the boarding of the war, its practical educational, the bonds between the transmission of Military History in the reinforcement of the Doctrine and they to seem of the learning how much to the reach of the recital of the military thought of the warrior leader future by means of military operations consecrated by the civil or military historiography.

Keywords: Brazilian military identity; Military History education.

Introdução

Na necessidade de se formar um melhor comandante, a disciplina de História Militar sempre compôs a grade curricular com o objetivo de constituir elementos positivos e exemplares na formação de seus líderes guerreiros, de acordo com HUNTINGTON (1996 [1957]: 66). Podemos constatar com isso que a história sempre fora utilizada como fundamento teórico na extração dos exemplos e ensinamentos operacionais, baseados nos sucessos ou fracassos observados nas guerras do passado. Assim,

¹ As descrições das Escolas militares apresentadas neste trabalho foram coletados para a Tese de Doutorado da autora durante o ano de 2004, mas alguns dados foram atualizados.

² Doutora em Fundamentos da Educação pela UFSCar-SP e professora de História Militar na Academia da Força Aérea Brasileira desde 1996. *Email:* taniagodoy@terra.com.br.

Na visão militar, o homem só aprende pela experiência. (...) Daí o gosto do militar pelo estudo da História. Pois a História é, na frase de Lidell Hart, “experiência universal”, e História Militar, como disse Moltke, é “o meio mais eficaz de ensinar guerra em tempo de paz” (ibid.: 82).

Por isso, o estudo de história militar é considerado uma ferramenta na aquisição de experiências para o futuro líder militar a partir do exemplo de outros, encaminhando o estudo da história numa intenção exemplar, moralizante: “Os exemplos históricos esclarecem tudo; (...). Isso se verifica na arte da guerra mais do que em qualquer outro campo (CLAUSEWITZ, 1979 [1832]: 191)”.

Assim, a análise do ensino de História Militar das três Escolas de formação das Forças brasileiras contribui para melhor compreender os profissionais da farda nacionais, que têm exercido papel relevante na história do Brasil, notadamente a partir do final do Império e durante o século XX no período republicano.

História Naval

A Marinha possui programa curricular calcado no preparo de seus oficiais para atender ao desempenho de sua profissão, transmitindo um conhecimento técnico-especializado.

Escola Naval constitui um ambiente embarcado, situada na Ilha de Villegagnon, no Rio de Janeiro, homenageando seus vultos heróicos e outros símbolos históricos presentes³. Estimula-se a prática desportiva da vela como elemento educativo de convívio do aspirante com o mar. A organização física da Escola busca imprimir o “espírito militar” necessário ao desempenho do profissional que forma, conforme CASTRO (1990: *passim*). O cotidiano e a linguagem reproduzem o ambiente naval, com grandes janelas voltadas para o mar nas salas de aulas, os aspirantes alojam-se em camarotes e todos os avisos e sinais são feitos da mesma maneira que no interior de uma belonave militar.

O curso de graduação da Escola Naval é conduzido para a área de Ciências Navais, formando oficiais do Corpo da Armada, de Fuzileiros Navais e de Intendentes da Marinha. A área de Ensino Militar-Naval engloba História Naval, ministrada no 4º ano, contando com grande interesse dos aspirantes pelos conteúdos da disciplina (BRASIL – HNV, 2002)⁴.

³ Todas as informações apresentadas foram coletadas quando da visita à Escola Naval, nas explicações do instrutor de História Naval, que nos mostrou as instalações, e por meio de Folheto adquirido naquela ocasião (BRASIL – Escola Naval, s/d).

⁴ Os procedimentos metodológicos de coleta de dados foram os mesmos aplicados na Escola Naval e na AMAN e os questionários junto aos alunos também foram aplicados aos cadetes da AFA. A identidade dos educadores, oficiais de comando e discentes das Escolas será preservada.

O oficial instrutor de História Naval, do quadro da reserva, tem formação e conhecimento específicos em guerra naval, pois sempre se dedicou em pesquisas na área e exerceu vários comandos na Escola Naval e no Navio-Escola dos Guardas-Marinhas. Realizou o curso de comando e estado-maior da Marinha e uma especialização em História Moderna na PUC do Rio de Janeiro.

A abordagem da História é bem singular, descrevendo os teatros navais principais dos grandes conflitos, sejam gerais ou brasileiros. A disciplina compreende 60 horas-aula e aborda as teorias da guerra, noções de estratégia, tática e logística, os Princípios de Guerra, enfatizando o pensamento dos estrategistas da guerra naval. Trata, também, da guerra naval desde o século XVIII até após 1945. Quanto ao Poder Naval Brasileiro, o ensino trata desde a formação da Marinha Imperial, as primeiras operações navais brasileiras e aspectos gerais do poder naval Brasil no pós-guerra (BRASIL-HNV, 2002: 1-4).

No questionário aplicado aos aspirantes em minha visita à Escola Naval, alguns deles manifestaram certa superficialidade no ensino de História Naval:

Os assuntos foram abordados de maneira clara, simples, direta e com ganho de causa por parte do instrutor. (...) Principalmente porque é necessário conhecer não só as batalhas, como sua evolução. (Aspirante 1 Fuzileiro Naval – EN).

As principais disciplinas foram Liderança e História Naval, porém a guerra não é vista como “algo” e sim como um estado, pois aprendemos muito sobre as atribuições e deveres, pois eles estão de fato em nossas mãos. Mas as causas e objetivos estão fora do alcance do oficial (Aspirante 5 Corpo da Armada – EN).

É uma abordagem muito mais técnica e dirigida diretamente para “como fazer a guerra”(Aspirante 9 Intendência – EN).

Consideram de grande relevância o estudo da guerra e da História em sua formação, notadamente no exercício de comando:

Sim, é importante, pois através da História analisamos como ocorreram as grandes batalhas, analisando-as estratégica e taticamente, permitindo ver o que as nações perdedoras cometeram em erros que as levaram ao fracasso, e o que as nações vencedoras realizaram para obter êxito em suas campanhas. Tal reflexão poderá ser útil para um futuro oficial combatente em uma situação real (Aspirante 16 Corpo da Armada – EN).

Todavia, outros registraram que o número de aulas de História Naval é insuficiente para fundamentar seu desempenho como futuro oficial da Força:

Muito importante. Na minha opinião este curso deveria se estender pelos 4 anos da EN. (...). A Marinha teve sua importância nas guerras desde os tempos antigos, (...) que nós, futuros oficiais da Marinha de Guerra do Brasil, conheçamos tal tipo de fatos do passado (Aspirante 12 Corpo da Armada – EN).

... a carga horária do programa da EN não cria condições de serem passados todos os tópicos que gostaria de ver. Essa restrição na carga horária e o fato de só termos História, propriamente dita, no 4º ano, não permite o estudo da História Política e Econômica do Brasil e do Mundo, além da Militar (Aspirante 14 Intendência Marinha – EN).

O instrutor de História Naval afirmou haver dificuldades para que um docente civil ministre suas aulas, pois, segundo sua experiência, não se pode prescindir da formação de carreira da Força para analisar o emprego do poder naval, o desenvolvimento técnico marítimo e militar e a experiência em manobras operativas da Marinha, que proporcionam maior familiaridade com os conteúdos⁵.

A necessidade dessa experiência militar no ensino da arte da guerra (e a História Naval contribui para isso) era verificada também por CLAUSEWITZ. Segundo ele defendia,

Seria infinitamente meritório ensinar a arte da guerra através do simples meio de exemplos históricos, (...) mas seria pelo menos necessário consagrar-lhe uma vida inteira se se pensar que aquele que levasse a efeito um tal trabalho teria de começar por adquirir uma longa experiência militar (op. cit.: 196).

Clausewitz compreendia a utilização dos exemplos do passado como ferramenta na atividade militar, a história como meio instrutivo para a arte da guerra e que sua divulgação seja ministrada por um agente com experiência militar *real*. Assim, o conhecimento militar é auto-reprodutivo e as práticas pedagógicas em História seguem essa conduta, empregando oficiais militares na formação dos oficiais da Marinha do Brasil.

História Militar na AMAN

O Exército é a Força politicamente mais importante e numerosa do Brasil e dá grande relevância à formação de seus quadros de liderança. A Academia Militar das Agulhas Negras foi estabelecida em 1944 na cidade de Resende e consolidou o preparo de seus oficiais com forte conotação dogmática e moral, a partir da Reforma de José Pessoa nos anos 1930 quando a Escola Militar ainda se localizava em Realengo, de acordo com CASTRO (2002: 43-44).

⁵ Segundo instrutor de História Naval, seus antecessores também eram oficiais da Marinha.

A AMAN, da mesma forma que a Escola Naval, dispõe suas instalações educativamente. A concepção da Força que traduz a nação e os pilares do patriotismo, verificados no majestoso Portão Monumental, na grande alameda e jardins bem cuidados com o símbolo do Exército e o Pico das Agulhas Negras ao fundo.

A denominação dos pátios, disposição de artefatos bélicos antigos nas imediações dos prédios da Academia, repletos de símbolos históricos, enfim, todo o ambiente inspira grandeza e orgulho em seus componentes por pertencerem à Força terrestre do Brasil⁶. Em HUNTINGTON encontramos uma descrição idealizada de West Point que corresponde à AMAN:

...O lugar está inundado de ritmo e harmonia, que aparecem quando a vontade coletiva suplanta o capricho individual. West Point é uma comunidade de objetivo estruturado, uma comunidade na qual o comportamento das pessoas é governado por um código, o produto de gerações. Há pouco espaço para a presunção e o individualismo. A unidade da comunidade não incita nenhum homem a ser mais do que é. Na ordem está a paz; na disciplina, a realização; na comunidade, a segurança (op. cit.: 490).

As instalações da Academia e os termos empregados no convívio dos cadetes vinculam-se à organicidade de um ambiente de combate, familiarizando-os na instrução militar e no cotidiano escolar, de acordo com as intenções pedagógicas previstas. Da mesma forma, o ensino de História Militar fundamenta o pensamento estratégico militar e proporciona uma educação exemplar baseada nos vultos da história da Força, numa orientação pedagógica tradicional moralizante.

São formadas cinco Armas (Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações), um Serviço – o de Intendência – e um Quadro – o de Material Bélico -, em quatro anos de curso. História Militar possui 60 aulas, ministradas no 3º ano (BRASIL – AMAN: 2004a).

São abordados os fundamentos da arte da guerra e a História Militar desde a Antigüidade até alguns conflitos do pós-2ª guerra; História Militar do Brasil trata desde a Colônia até a participação na Segunda Guerra Mundial. São previstas aulas não-presenciais para que os alunos façam pesquisas e preparem seminários (BRASIL – AMAN, 2000: a/b).

As aulas de História Militar são dadas por oficiais do quadro complementar formados na área e por oficiais superiores da ativa, sem formação específica em História. As

⁶ As descrições estão amparadas pela visita realizada nesta Academia e em seu portal eletrônico (ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS, 2004).

principais batalhas são estudadas utilizando fundamentos da doutrina militar e são distribuídas entre os grupos de cadetes para as pesquisas e os seminários.

O objetivo da História Militar do Brasil é o de exaltar o sentimento de patriotismo e a versão tradicional e positiva da história do Brasil. O objetivo é preparar o futuro oficial para divulgar as versões da história oficial no comando e preparo dos recrutas e, por isso, sua formação encerra uma intenção muito bem estabelecida.

Os cadetes consideram a História como utilitária para sua profissão e afirmam sua relevância:

Sim, pois são inúmeros os acontecimentos onde o líder teve de tomar decisões importantes e vitais para a vitória no combate. E que são ensinamentos marcantes na formação do futuro líder militar (Cadete 13 Intendência – AMAN).

Sim. (...) Por isso, estudar História Militar é de extrema importância para o futuro oficial, seja que Força for. Os erros e acertos do passado servem como ensinamentos para o presente (Cadete 15 Artilharia – AMAN).

Para evitar cometer erros que outros comandantes cometeram no passado, é de fundamental importância estudar as características das batalhas e entender o seu desdobramento tático (Cadete 20 Engenharia – AMAN).

Como o próprio meio militar hierarquizado não incentiva à prática de questionamentos, as interpretações dos heróis do passado avaliando-os mais criticamente gerariam desconforto e são abordados os assuntos mais exemplares. Os cadetes defendem o ensino de História Militar recebido pela Academia, mas percebem omissões nos programas curriculares dessas disciplinas:

O período da ditadura militar e a revolução de 1964 poderiam ser abordados com maior minuciosidade (sic) (Cadete 18 Infantaria – AMAN).

Guerrilha do Araguaia (Cadete 20 Engenharia – AMAN).

Sim, deixaram de ministrar algumas grandes guerras como: Guerra do Vietnã, do Golfo, Malvinas, Coréia, Irã-Iraque, Angola, Iraque-EUA, Bósnia-Herzegovina, que são as mais recentes e que se aproximam mais da realidade, trazendo, sobretudo, o que tem de mais moderno de materiais, meios e doutrina (Cadete 17 Material Bélico – AMAN).

Sim. Houve uma lacuna no estudo das últimas guerras ocorridas na Idade Contemporânea, como as ocorridas entre árabes e judeus e as do Golfo, por exemplo (Cadete 15 Artilharia – AMAN).

Para evitar o comprometimento da imagem da Força e o questionamento da ação de agentes militares ainda vivos, o Departamento de Ensino do Exército define um programa curricular que evita o ensino da História mais recente. Além disso, o emprego somente de educadores militares na AMAN e a definição do perfil profissional dogmático (e declarado)

constituem um pensamento histórico comprometido para a divulgação da versão institucional da História Militar e da Força terrestre.

História Militar na AFA

A Academia da Força Aérea foi transferida para Pirassununga nos anos 1960 por causa do aumento significativo do tráfego aéreo nos arredores da cidade do Rio de Janeiro, comprometendo as atividades de instrução aérea dos cadetes da Escola de Aeronáutica, no Campo dos Afonsos desde 1919.

Segundo folheto informativo, a excelente topografia para a construção de aeródromos e as condições climáticas favoráveis em quase todo o ano, chamadas de “céu de Brigadeiro”, determinaram a escolha da nova sede da Escola, recebendo primeiramente um “Destacamento Precursor” e, a partir de 1969, deu-se o início da transferência das turmas, denominando-a Academia da Força Aérea Brasileira – AFA (ACADEMIA DA FORÇA AÉREA, 1996: 4).

São encontrados elementos educativos nas instalações da Academia, com dois aeródromos e prédios adjacentes, torre de controle do espaço aéreo, hangares das aeronaves e salas de instrução dos respectivos Esquadrões de Instrução Aérea (EIA)⁷. Aviões antigos estão dispostos nos pátios e próximos aos prédios, há frases de reforço moral militar inscritas nas paredes do pátio da Divisão de Ensino, na entrada do refeitório dos oficiais, nos corredores dos parabolóides e nos prédios do Corpo de Cadetes para promover um ambiente educativo e cultural de Força Aérea.

O risco inerente à prática do vôo leva à seleção de pessoas com certo gosto pelo perigo. Não é categórico, mas, com o número de baixas decorrentes de acidentes aeronáuticos, o risco das manobras aéreas e afinidade para conviver nesse cotidiano suscitam um perfil mais flexível do oficial aviador e do cadete.

Sua doutrina é mais adaptável, pois os vetores aéreos se desenvolvem vertiginosamente e determina maior dinamismo: “Os artefatos eletrônicos assumiram extrema prioridade neste campo, levando a aviação, cada vez mais, a afastar-se da arte e concentrar-se no âmbito da ciência (SANTOS, 1989: 144-145)”.

Além disso, o ambiente tridimensional das operações aéreas impõe a necessidade de oficiais militares mais versáteis na aplicação das múltiplas perspectivas de emprego. A

⁷ A primeira aeronave que os cadetes voam é o Universal T-25 no 2º ano 2º Esquadrão de Instrução Aérea; no 4º ano, os cadetes aviadores voam com o Tucano T-27 e seu esquadrão é o 1º EIA.

Doutrina Aeroespacial da Força Aérea Brasileira define como características da Força Aérea estes fatores:

A Força Aérea possui características marcantes que a tornam mais versátil componente do Poder Militar. (...) Permite atacar alvos distantes, apoiar forças de superfície e controlar o espaço aéreo, empregando os mesmos elementos básicos de modo simples e coordenado (BRASIL – DCA 1-1, 2005: 19).

Talvez estas características da Força Aérea conduzam à dificuldade em se estabelecer programas curriculares mais estáveis e a AFA está sempre modificando seus cursos de formação.

A cadeira de História Militar quase sempre foi ocupada por docente civil com formação específica. Mas as limitações impostas pelas instalações físicas da Escola, o confinamento dos cadetes na Base, o controle sobre os cadetes no Corpo de Cadetes e o cumprimento de extenso currículo escolar impõem obstáculos na transmissão do conhecimento em qualquer área.

A atividade pedagógica programada e controlada coíbe a constituição de um profissional militar criativo e autônomo, contrariando a própria *Doutrina Aeroespacial*, que preconiza:

O combatente moderno deseja líderes (...) que demonstrem mais inteligência que arroubo, melhores resultados com menores baixas e, sobretudo, que saibam obter vantagens em situações desfavoráveis (BRASIL - DCA 1-1, op. cit.: 12).

Esses atributos exigem uma composição curricular que prevê disponibilidade para leitura e pesquisas, como ocorre na AMAN, sem o doutrinamento lá existente.

A História Militar é distribuída em duas disciplinas de 30 aulas, ministradas no 3º ano, para os cursos de oficiais aviadores, intendentes e de Infantaria, e com a inserção de História Militar Brasileira desde o ano de 2006.

São abordados os conceitos de História e da guerra e o desenvolvimento do poder aeroespacial nos conflitos do século XX. História Militar Brasileira trata dos militares desde a formação da nação, suas contestações e exercício do poder, relações interamericanas e a História da Força Aérea Brasileira (BRASIL – AFA, 2004).

Os cadetes da AFA são mais críticos. Manifestaram que o estudo da História é insuficiente, pois tem uma carga menor do que a necessária com pouco tempo disponível para aprofundar os temas de interesse e se ressentem da formação como oficiais militares de uma maneira geral:

Durante o CFOAV a única disciplina que abrangeu satisfatoriamente o tema da guerra foi História Militar, (...) este estudo não propicia ao cadete a capacidade de avaliar, com crítica, os acontecimentos abordados, dado o seu caráter superficial (em função dos tempos de aula alocados para tal) (Cadete 23 do 4º ano Aviação – AFA).

É muito importante e deveria ser um curso mais extenso e detalhado, talvez distribuído em mais de um ano (Cadete 20 do 4º ano Aviação – AFA).

Reclamam da maneira como são tratados e da subordinação inquestionável às ordens dos mais antigos:

... A AFA não prepara os cadetes nem no conhecimento nem operacionalmente para uma possível missão real após formado. Na AFA os oficiais têm uma mentalidade um pouco peculiar do tipo: “Enquanto o cadete está na Academia, ele está sob minha asa, mas depois de formado ele que se vire” (Cadete 18 do 4º Aviação – AFA – realces do autor).

Na teoria: Manter, em tempo de paz, a força preparada para qualquer eventualidade (...). Na prática, estamos destinados a desfilar em paradões diários eficientemente, ter um uniforme engomado para qualquer eventualidade de revista e destratar os subordinados quando estes erram por inexperiência (Cadete 15 do 3º ano Aviação – AFA).

A contestação maior dos cadetes se dá pelo comprometimento operacional do futuro oficial com as sucessivas mudanças curriculares e a inserção do curso de Administração Geral, diminuindo disciplinas relacionadas ao preparo militar de cada especialidade. Essas mudanças traduzem uma indefinição do perfil do futuro líder da Força e compromete as características clássicas no cumprimento da missão precípua e constitucional no preparo para a guerra e a defesa da soberania nacional.

Também desconsidera as definições da Política de Defesa Nacional, que não suprime o caráter operacional da guerra, cujos oficiais são formados exclusivamente nas Escolas castrenses de liderança. Mesmo em tempo de paz, as Forças militares não podem prescindir do preparo para a guerra, como afirma DREW:

... As escolas civis podem ensinar gerência, operações de governo, e coisas semelhantes, e o fazem. Somente escolas militares podem especializar-se na arte da guerra e, mais especificamente, na arte da guerra aérea. (...) Além disso, as circunstâncias podem exigir que a sua função de apoio se dê num ambiente difícil de combate (1997: 57).

Dessa maneira, enquanto o ensino da História na Escola Naval é direcionado às necessidades operativas da Força e na AMAN procura-se transmitir valores morais e culturais do Exército, na AFA, as condições objetivas limitam o trabalho pedagógico e não o diferencia das outras Escolas castrenses brasileiras, cujo ensino de História Militar é exercido por

instrutores militares engajados em divulgar a história de maneira a não contrariar a versão oficial da instituição a que estão vinculados.

Mesmo assim, alguns elementos peculiares da Força Aérea Brasileira a diferencia das outras Forças brasileiras. Afinal, o fato de os cadetes receberem grande parte do conhecimento por docentes civis exerce, enfim, alguma influência em sua maneira de perceber o mundo e seu exercício profissional.

Referências bibliográficas e documentais

ACADEMIA DA FORÇA AÉREA: “Ninho das Águias”. Pirassununga-SP: AFA, 1996.

_____**PLADIS de História Militar Geral e do Brasil para o 3º Ano**. Resende-RJ: AMAN, 2000a/b.

_____**Programa de História Naval (HNV) – Projeto Específico**. R. Janeiro: Escola Naval, 2002.

_____**Currículo da Escola Naval – 2004**. R. Janeiro: EN, 2004.

_____**Perfil Profissiográfico do Concludente do Curso de Formação de Oficiais**. Resende-RJ: AMAN, 2004a.

_____**Proposta Curricular dos Cursos de Formação de Oficiais**. Resende-RJ: AMAN, 2004b.

_____**Doutrina Aeroespacial (DCA 1-1)**. Brasília-DF: Comando da Aeronáutica, 2005.

_____**Política de Defesa Nacional (LDN)**. Brasília/DF: MD, 2005.

_____**Bem-vindos à Escola Naval**: Folheto explicativo. R. Janeiro: Marinha do Brasil, s/d.

CASTRO, C.. **O Espírito Militar**. Um estudo de Antropologia Social na Academia Militar das Agulhas Negras. R. Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

_____**A invenção do Exército Brasileiro**. R. Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002 (Descobrimo o Brasil).

CLAUSEWITZ, C. V. **Da Guerra**. Pref. A. Rapaport. Trad. Maria T. Ramos. S. Paulo: Martins Fontes Ed., 1979.

DREW, D. M. “A Educação de Oficiais da Força Aérea”. **Airpower Journal**. Ed. bras.. Alabama – EUA: 1997, p. 53-61.

HUNTINGTON, S.. **O Soldado e o Estado**: Teoria e Política das Relações entre Civis e Militares. Trad. J. L. Dantas. R. Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996 [1957]. (Col. Gen. Benício vol. 317)

OLIVEIRA, Tania R. P. de G. T. de. **O Estudo da Guerra e a Formação da Liderança Militar Brasileira**. Or. A. Ferreira Jr. e A. C. W. Ludwig. Tese de Doutorado. S. Carlos-SP: UFSCar, 2004.

SANTOS, M.. **Evolução do Poder Aéreo**. R. Janeiro: Ed. INCAer, 1989.